



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de posse da diretoria do Sebrae

Brasília-DF, 04 de fevereiro de 2009

Meu caro amigo e governador de Brasília, José Roberto Arruda,

Minha querida companheira Marisa,

Companheiros ministros José Pimentel, Sergio... Sergio Rezende não está aqui, estou vendo um auxiliar dele aí. Temos o Luiz Barreto, do Turismo; Miguel Jorge, do Desenvolvimento – acaba de chegar atrasado –, Luciano Coutinho – acaba de chegar atrasado – só vieram para a sobremesa, não precisaram...

Meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Paulo Octavio, vice-governador de Brasília,

Deputado Leonardo Prudente, presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal,

Senadores Adelmir Santana, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae, Demóstenes Torres, Francisco Dornelles, Jefferson Praia, João Claudino, Kátia Abreu, senador Marco Maciel, senador ACM Filho [Júnior],

Companheiros deputados federais. Eu só estou vendo aqui, porque ele é mais visível, que é o companheiro Zezéu. Se tiver outros companheiros aqui, não estão na minha agenda.

Meu companheiro Paulo Okamoto, diretor-presidente do Sebrae Nacional,

Caro Luiz Carlos Barbosa, diretor técnico do Sebrae,

Carlos Alberto Santos, diretor de administração e finanças do Sebrae Nacional,

Meus amigos e minhas amigas,



Eu não vou fazer discurso. Eu vim aqui apenas para dizer para vocês que tanto nas palavras do nosso presidente do Conselho, como do nosso presidente do Sebrae, eu senti o tipo de discurso e comportamento que nós, brasileiros e brasileiras, precisaremos ter daqui para a frente.

Todo mundo sabe que tem uma crise mundial. A gente toma café com ela, almoça com ela e janta com ela. E se for tomar um chazinho à meia-noite, ainda vai tomar um chá com ela. É a única crise no mundo que ninguém tem que explicar para ninguém como é que ela surgiu e de onde ela surgiu. É um dos poucos momentos da história em que a crise não começa nos países pobres ou emergentes, começa no coração do sistema capitalista do mundo. Ninguém, portanto, precisa explicar.

Nas pesquisas que temos feito e nas pesquisas publicadas pela imprensa, todo e qualquer cidadão, da mais diferente origem social, sabe a origem da crise. Ou seja, algumas pessoas entenderam que era possível ganhar dinheiro a vida inteira sem nenhuma ligação com o setor produtivo. As pessoas entenderam que era necessário e possível ganhar dinheiro especulando.

Se não fosse apenas a questão do *subprime*, do financiamento habitacional nos Estados Unidos... a gente pegou dois momentos muito recentes que afetaram o Brasil: o preço das *commodities* agrícolas, nos meses de maio, junho e julho do ano passado, e o preço do petróleo que em menos de um ano saiu de US\$ 29 o barril para US\$ 150 o barril.

Eu participei de muitas reuniões, e toda vez que você perguntava porque as coisas tinham acontecido, a explicação era simples: a China está consumindo muito. Ora, a China continua consumindo a mesma quantidade de petróleo, se diminuiu, diminuiu muito pouco, e o petróleo despencou de 150 para 40, e os preços das *commodities*, graças a Deus, não caíram aquilo que alguns pessimistas previam que ia cair, e pelo menos este ano nós estamos numa situação de equilíbrio nas nossas *commodities* agrícolas.



Ora, o que nós estamos presenciando neste momento, companheiro presidente do Conselho e presidente do Sebrae, é que até agora todos os governantes do mundo tomaram medidas para resolver o problema dos bancos, bancos que até ontem sabiam tudo, bancos que até ontem davam palpite sobre tudo, bancos que ainda hoje se autointitulam com o direito de medir o risco dos países. E todos esses bancos, que vieram aqui na década de 80 e na década de 90 exigir que todos os países pobres fizessem um ajuste fiscal que levou quase que a um atrofiamento no crescimento dos países, estão hoje, muitos, quebrados. Bancos em que as ações deles valiam, há dez meses, US\$ 250, estão valendo hoje US\$ 10, US\$ 16. Tudo porque ousaram ganhar muito dinheiro fabricando papel e não fabricando peças, não fabricando casas, não fabricando alguma coisa que pudesse gerar um posto de trabalho, um emprego e, ao mesmo tempo, distribuição de renda.

Por incrível que pareça o Brasil, neste momento, não dito apenas pelo Presidente da República ou pelo pessoal da área econômica, mas quem viajar o mundo vai ouvir, de qualquer instituição internacional, que o Brasil é, hoje, o país que tem melhor condição para enfrentar essa crise, porque nós fizemos a lição de casa, quando alguns queriam que a gente gastasse muito. Nós fizemos a lição de casa quando era mais fácil a gente fazer exageros.

Eu lembro que uma época nós aumentamos a taxa de juros, faltando um mês para a eleição da prefeitura, há quatro anos, e alguns achavam que era loucura permitir que aumentasse a taxa de juros um mês antes das eleições. E eu dizia: a nossa responsabilidade não se subordinará a uma, a duas ou a três eleições. O Brasil é eterno e a eleição é muito passageira.

Pois bem, vocês estão acompanhando, companheiros, que nós tomamos todas as decisões, tanto o Adelmir como o Paulo Okamoto devem estar acompanhando. A primeira medida que nós tomamos foi tentar restabelecer a política de crédito no Brasil, porque sem crédito a gente não consegue resolver outros problemas; fizemos um acordo com a agricultura, que



era esperado há quase 30 anos; fizemos uma política de crédito para a indústria automobilística, porque a cadeia produtiva representa praticamente 25% do PIB industrial da indústria automobilística. Tomamos a atitude de liberar R\$ 108 bilhões do compulsório, para que a gente pudesse garantir a possibilidade de fazer fluir o crédito no Brasil. Tomamos a atitude de pedir ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal para adquirir bancos privados ou, melhor, comprar carteiras de bancos privados, sobretudo aquelas carteiras que estavam ligadas ao setor produtivo que eu estava dizendo aqui. Acabamos de comprar o Banco Votorantim, ou seja, 49%, para que o Banco do Brasil conquiste e ganhe expertise em carteira de carro usado, que é para facilitar o comércio de carros neste país. E tomamos a decisão de não permitir que faltasse crédito para capital de giro, neste país, sobretudo para as pequenas e microempresas.

Acontece que entre você decidir e você determinar, meu caro Joãozinho Trinta, há uma diferença enorme. O que aconteceu na economia mundial? O Dornelles, mais do que eu, deve acompanhar isso muito bem. De todo o crédito existente no Brasil, 30% dele, aproximadamente, eram créditos tomados em dólar no exterior. Empresas como a Vale do Rio Doce, como a Petrobras, empresas grandes que não participavam da tomada de crédito no mercado interno. Na medida em que secou o crédito externo, essas empresas vieram para dentro. O que aconteceu, na verdade? Mais clientes, os bancos começaram a ficar mais seletivos. Entre emprestar muito dinheiro para uma empresa como a Vale do Rio Doce ou como a Petrobras, e emprestar para dezenas de pequenas empresas, eles preferem emprestar para uma grande, que tem risco zero.

Nós estamos agora numa segunda fase da discussão. Agora mesmo o ministro Guido está numa reunião com um grupo empresarial, porque a nossa meta é fazer com que o crédito brasileiro volte à normalidade. Hoje, o crédito brasileiro já é maior do que antes da crise, mas como tem 30% de crédito a



mais no mercado interno, ele ficou mais seletivo.

O Luciano Coutinho é presidente do BNDES num momento em que acho que ninguém neste país acreditava que nós fôssemos capazes de pegar R\$ 100 bilhões do Tesouro e passar para o BNDES, não permitir que nenhum projeto que está em andamento neste país pare por falta de dinheiro. Tomamos a decisão de que nenhuma obra do PAC vai parar. E tomamos a decisão de não permitir nenhuma mudança no calendário de obras da Petrobras. A Petrobras, só até 2013, ela tem que fazer investimentos de US\$ 174 bilhões.

Portanto, nós estamos... Eu tomei informação, o Luciano pode saber melhor do que eu, que o acordo que nós fizemos, o Programa Mais Alimentos, para ajudar a agricultura familiar, já tem 10 mil tratores encomendados para a agricultura familiar. A nossa meta é chegar a 60 mil tratores e a 300 outras máquinas agrícolas para que a gente possa não permitir que este país corra o risco de ter qualquer problema de segurança alimentar.

Nós poderemos ter problema na balança comercial? Podemos ter, porque se um país como os Estados Unidos entra em recessão como está entrando, se uma Alemanha entra em recessão, se outros países grandes entram em recessão, obviamente que esses países vão deixar de comprar de outros países, sobretudo a China, que tem 40% do seu PIB subordinado às exportações, e muitas delas para os Estados Unidos, nós poderemos ter problemas.

O que hoje, tanto políticos, podem ser de oposição ou da situação, analistas econômicos, comentaristas políticos, o que hoje todos nós temos orgulho de dizer é que o Brasil nunca esteve tão preparado para enfrentar uma crise, como nós estamos.

Acho que o presidente Obama tem muita responsabilidade. Acho que o presidente Obama tem muita responsabilidade, porque o interregno de tempo entre a vitória do Obama e a posse permitiu que durante quase 60 dias e mais dois meses de eleição, a crise não fosse tratada nos Estados Unidos como



deveria ser tratada. E acho que dentre todos os presidentes do mundo, o Obama está com o maior PIB que a humanidade tem, com o maior país desenvolvido, mas também ele está com o maior problema hoje. Não sei se ele tomará as medidas adequadas para que a economia americana retome a confiança que tinha há um tempo atrás, e que o povo americano volte a consumir.

Eu volto a dizer aqui o que disse em um pronunciamento à Nação que eu fiz no dia 22 de dezembro: essa crise tem muito de verdadeira, e essa crise tem muito de pânico. Se cada um de nós resolver colocar o pouco que temos embaixo do colchão e não contribuir para a economia girar, nós estaremos apenas fazendo a roda gigante parar e aumentar a crise. Porque não haverá micro e pequena empresa que sobreviva se o governo não fomentar ainda mais o poder de participação dela nas compras governamentais. Não há indústria que vá fazer novos investimentos se não houver perspectiva de mercado de que as pessoas vão comprar o seu produto. Ou seja, da mesma forma que uma indústria ou um complexo industrial produz numa cadeia produtiva, a economia gira numa cadeia de confiança de vários segmentos da sociedade.

Por isso é que nós demos o aumento do salário mínimo bem acima da inflação. É por isso que o (incompreensível), este ano, vai distribuir, de 14º, quase R\$ 18 bilhões. E é por isso que eu tenho dito publicamente: nós não temos o direito de fazer com que as pessoas mais pobres paguem a conta mais uma vez, não temos o direito. Não temos o direito de levar a classe média a mais um sacrifício. O momento é de todos levarem em conta que o país que se preparar para enfrentar essa crise, aqueles que tiverem a coragem de fazer os investimentos que estão fazendo, aqueles que estiverem prontos quando essa crise acabar, crescerão de patamar na economia mundial, num rápido prazo, muito mais curto.

E eu trabalho exatamente com essa convicção de que a gente não pode



ficar olhando e reclamando para o mundo. Imagina se cada vez que alguém fosse lutar com o Cassius Klay, alguém falasse: “Ah, eu não vou porque ele vai me bater e eu vou cair”. Imagina se a cada vez que as pessoas fossem fazer uma coisa, eles, antes, tomassem 50 atitudes de preocupação e não tivessem um pouco de ousadia? O José Alencar não seria o empresário que ele se tornou se ele não tivesse ousadia. Eu não conheço ninguém na vida que cresceu por covardia, só se roubou, mas trabalhando eu não conheço ninguém que ganhou dinheiro sem ousadia, do pequeno, do micro, do grande empresário.

O Paulo Okamoto e o Adelmir falaram aqui das conquistas que o Sebrae patrocinou para as conquistas de micro e pequenos empresários neste país, convenceu o Congresso Nacional, num papel muito importante, convenceu o governo da necessidade de se aprovar. E não tenham dúvida, companheiros, que se outras coisas precisarem aprovar para a gente moldar este país de forma a que ele tenha marcos regulatórios que permitam que as coisas fluam com mais facilidade, eu estou praticamente convencido...

De vez em quando eu vejo um comentário, com algum comentarista político, do meu excesso de otimismo. Eu acho engraçado as pessoas acharem ruim que alguém seja otimista. Eu vou contar uma coisa para vocês: quem nasce onde eu nasci e não morre antes de completar cinco anos de idade, não tem mais razão para ter pessimismo de nada, tudo o que vier pela frente é motivo de alegria.

E eu acho que é exatamente nesses momentos que o País precisa crescer... Eu me lembro do Joãozinho Trinta porque marcou a minha vida, viu, Joãozinho? A tua frase, que ficou gravada na minha cabeça: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo”. Porque as pessoas criticavam o exagero da Beija-Flor no desfile. E é verdade. Eu acho, Dornelles, com todo respeito que eu tenho aos economistas: quem gosta de crise é economista, porque sem crise os comentários ficam sem razão de ser.



Eu acho que nós temos que reconhecer que a situação é uma situação delicada. Nós temos que reconhecer que essa crise é possivelmente maior do que a crise de 1929, e temos que reconhecer que Roosevelt só conseguiu resolver a crise de 1929 por causa da Segunda Guerra Mundial. Como nós não queremos guerra, queremos paz, nós vamos ter que ter mais ousadia, mais sensibilidade, mais inteligência, porque eu não acredito que uma guerra, para resolver um problema econômico, teve 100 milhões de mortos. Nós não queremos um morto, nós queremos é dizer claramente, e vamos a Londres no dia 2 de abril para dizer que o mundo precisa controlar o sistema financeiro, tem que limitar a alavancagem, precisa cuidar do mercado futuro. Se alguém quer especular no mercado futuro, na hora que for comprar no mercado futuro, que deposite uma parte em dinheiro na hora. Porque o mundo não pode virar uma ciranda, vítima da especulação, para transformar todos que estavam fazendo as coisas certas em vítimas da crise.

Este país sofreu muito. Aqui tem muitos companheiros senadores que já participaram de governos. Este país sofreu, independentemente de quem era o governo. Este país sofreu por ingerências externas. Ou seja, na hora em que as coisas estão andando tudo bem, que fizemos todas as lições de casa, que apanhamos, mas que conseguimos equilibrar, os outros, que davam palpite, fizeram como aquele negócio que a gente aprende quando está fazendo catecismo: “Façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço”. Ou seja, no fundo, no fundo, nós, em se tratando de seriedade de sistema financeiro, nós temos o que ensinar e não o que aprender do chamado “mundo desenvolvido”.

Por isso, Paulo, você e o Adelmir, eu quero que vocês trabalhem com a convicção de que nós seremos parceiros, para que a gente possa aperfeiçoar tudo aquilo que nós temos que aperfeiçoar, para que a gente faça com que as pessoas conquistem a cidadania para fazer um investimento, que a pessoa não tenha que pegar 500 filas para tirar um simples documento, que a pessoa não



tenha que, às vezes, virar vítima da burocracia, atrás de papéis, atrás de pagamento das suas coisas. Vamos, e acho que há, da parte do Congresso Nacional, toda disposição de a gente passar um mata-borrão nas coisas que estão erradas e fazer com que as coisas fiquem certas, para que quem vier depois de nós tenha um país muito melhor.

À nova diretoria do Sebrae toda a sorte do mundo. E eu espero que quando vocês terminarem o mandato de vocês, vocês possam entregar para quem vier suceder vocês um Sebrae ainda mais forte, ainda mais organizado e ainda mais respeitado pelos empreendedores brasileiros.

Parabéns, Paulo. Parabéns, Adelmir. Parabéns, diretores. E parabéns ao pessoal do Sebrae do Brasil inteiro. Um abraço.

(\$211A)